

A GEOGRAFIA E O ESTUDO DA VIDA COTIDIANA: UM CAMINHO PARA A COMPREENSÃO DO ESPAÇO

Vicente de Paulo da Silva

Prof. Dr. Instituto de Geografia da UFU-IGUFU
vicente@ig.ufu.br

Rene Gonçalves Serafim Silva

Mestrando em Geografia do PPGeo (UFU) – Bolsista FAPEMIG
renegoncalves_geo@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho, de cunho teórico, é apresentar o estudo da vida cotidiana, na Ciência Geográfica, como forma de entender a construção social do espaço, nosso objeto de estudo. O espaço socialmente construído deve ser pensado de maneira ampla e não fragmentada quando se leva em consideração os agentes produtores do mesmo e, neste caso, acredita-se que a via do cotidiano possa contribuir largamente para esse fim. Foi procedida então uma revisão teórica sobre o tema com vistas a entender o significado dessa vida cotidiana e, posteriormente, pensá-la enquanto lócus das decisões de agentes no poder. A vida cotidiana é a vida do dia a dia, a vida das coisas simples e das coisas mais fundamentais, aquela que dá densidade ao espaço e complexidade aos fatos, além de garantir a continuidade de todas as relações. Decidir sobre o espaço dos outros é o mesmo que interferir numa teia de relações em que as relações banais podem ser repletas dessa complexidade, a qual pode representar a razão da própria vida.

Palavras chave: Espaço. Lugar. Vida Cotidiana. Ciência Geográfica.

THE GEOGRAPHY AND THE STUDY OF DAILY LIFE: A PATH TO UNDERSTANDING SPACE

ABSTRACT

This essay aims to, as a theoretical work, present the study of everyday life in Geographic Science as a way of understanding the social construction of space, our object of study. The socially constructed space must be thought broadly and not fragmented when taking into account the agents which produce it, and in this case, it is believed that the way of everyday can contribute hugely to this object. It has done a theoretical review of the topic in order to understand the meaning of everyday life and think it as a locus of decisions of agents in the power. Everyday life is the daily life, the simple things of life and the most fundamental things, that one which gives density to space and complexity to the facts, besides to ensure the permanence of all relationships. Decide on the others space is similar to interfering in a web of relationships in which the trivial relations can be filled of this complexity, which it can represent the meaning of their own lives.

Key words: Space. Place. Everyday life. Geographic Science.

Recebido em 12/02/2014
Aprovado para publicação em 08/05/2014

INTRODUÇÃO

Não são apenas os grandes fatos, mas também os fatos ditos banais, corriqueiros, simples que definem a vida cotidiana em sociedade. O estudo dessa vida cotidiana se torna assim a forma de ver e considerar a importância da totalidade dos fatos como responsável pela construção, cotidiana, do espaço. É assim que a vida cotidiana adentra a Geografia, ou seja, à medida que contribui com a compreensão e explicação de seu objeto, o espaço socialmente construído, em toda a sua complexidade.

A vida cotidiana, diz Heller (1992), é heterogênea e hierárquica, constituída por partes orgânicas como a organização do trabalho e da vida privada, lazeres e descanso, atividade social sistematizada, intercâmbio e purificação. Da mesma forma essa vida cotidiana, segundo a autora, é carregada de alternativas e de escolha. A nosso ver isso se torna uma característica do homem que, inclusive, o diferencia de um animal.

A literatura sobre cotidiano, vida cotidiana e cotidianidade já é considerável e está presente nos diversos campos do conhecimento. Entretanto, diferenciar cada um dos termos passa, segundo nosso entendimento, por uma decisão, ou melhor, pela aceitação de uma concepção, quando, na verdade, sugerimos que o pesquisador que deseje aprofundar mais no tema busque sua compreensão e sua diferenciação nos diferentes autores que abordam o mesmo.

A partir da leitura e do diálogo com autores de diferentes campos do conhecimento será possível a fazer opção por definições que, de fato, ajudem no que chamamos de compreensão do tema. É preciso ter em mente que os termos são diferentes, mas que é nesse diálogo com autores e concepções diferentes que vai se delineando nosso ponto de encontro com uma ou outra forma de pensar e, a nosso ver, é nessa diversidade de interpretações que cada argumento promoverá, ao final, um entendimento mais amplo do tema.

Finalmente, gostaríamos de esclarecer quanto à grafia do termo cotidiano, que também constitui preocupação de outros autores ao abordarem essa temática, o qual pode aparecer de diferentes formas ao longo do texto. O cotidiano conforme o dicionário Aurélio, ou *quotidien* como aparece no dicionário *Le Petit Robert*, ou ainda *everyday* conforme o dicionário *Password* é uma palavra de origem latina que significa “de cada dia”, habitual, banal. Quanto à sua grafia, em Português, Cotidiano ou Quotidiano, Zilá Mesquita (1995) disse que as duas formas eram corretas. A autora, buscou no dicionário Aurélio, da Língua Portuguesa e no dicionário *Le Petit Robert*, da Língua Francesa e, ainda, em dicionário etimológico, a confirmação para sua convicção de que as duas grafias poderiam ser mesmo consideradas corretas. Neste trabalho, optou-se pelo uso do termo na forma mais corrente na língua portuguesa, ou seja, cotidiano.

A VIDA COTIDIANA COMO OBJETO DE ESTUDO

A iniciativa de uma proposta, em Geografia, que discuta a vida cotidiana como forma de entendimento do espaço geográfico, parte da nossa convicção de que esta vida cotidiana se refere a uma vida marcada por ritmos, os quais não se confundem com a mera repetitividade. O ritmo que a define em uma sociedade é composto pela repetitividade, mas, também, pela novidade e, acima de tudo, os fatos que a constituem são os mesmos que produzem o espaço social, o objeto de análise da Geografia.

Essas práticas diárias, às vezes chamadas de corriqueiras, práticas do dia-a-dia, constituem importante aspecto da produção social do espaço, que tem recebido a contribuição de autores como Lefebvre, Kosik e Heller, no campo marxista; Maffesoli e Schutz, no campo da Sociologia; e Le Goff e Certeau no campo da História (PETERSEN, 1995, p.51). A esses autores acrescentam-se os nomes de Santos e Mesquita, no campo da Geografia, Berger & Luckman e Tedesco, também no campo da Sociologia. Logicamente os autores acima indicados têm, cada um, uma perspectiva diferenciada de análise e investigação da vida cotidiana, assim como do próprio cotidiano e da cotidianidade.

Henry Lefebvre (1958, 1967) foi talvez um dos primeiros a compreender a importância dos estudos sobre a vida cotidiana. Lefebvre aponta para a existência de uma crise da filosofia, a qual deveria ser superada no momento em que esta se metamorfoseasse em uma metafísica, que, por sua vez, consistiria em uma investigação diferente daquela adotada pela

filosofia. O que se encontra na origem desse conflito? Lefebvre diz que é o fato de ser o homem um ser cotidiano, ou do cotidiano.

Para Lefebvre (op. cit), é nas profundezas sem mistérios da vida cotidiana que se encontra a verdadeira realidade. É aí, também, segundo esse autor, que se passam as verdadeiras mudanças e, nesse sentido, ele sugere que a ciência deveria se tornar um estudo da vida cotidiana. Seus argumentos apontam para um imenso conteúdo humano nos fatos mais simples da vida cotidiana. Da mesma forma, segundo o autor, o estudo dos objetos simples, cotidianos, insignificantes em aparência, tem completado as descobertas mais importantes nos vários domínios da ciência.

O momento em que a ciência passar a valorizar mais os fatos cotidianos do que o fato, dito, prestigioso, representa para Lefebvre (op. cit) a passagem da aparência à realidade. Seu entendimento é de que no cotidiano as pessoas “ganham ou deixam de ganhar a vida, num duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, apenas sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre. Aqui e agora” (LEFEBVRE, 1991, p.27).

A vida cotidiana é plena de simbolismos, crenças, aceitação do espírito. O homem aí se apresenta como um homem de emoções e de paixões. É nesse sentido que, numa perspectiva da historicidade, Le Goff, diz que “a expansão da cultura de massas contribui para aumentar os atractivos do estudo do quotidiano” (LE GOFF, 1986, p.75).

Heller (1992) diz que o homem nasce inserido numa cotidianidade. As habilidades que ele adquire serão, segundo a autora, imprescindíveis à vida cotidiana da sociedade. A vida cotidiana, então, é definida como sendo a vida de todo homem, a vida do homem inteiro. Ela dirá, ainda, que na vida cotidiana o homem coloca em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades de manipulação, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias.

Em seus argumentos, Heller (1992) afirma que a vida cotidiana é a vida do indivíduo e que esse indivíduo constitui-se em ser genérico e ser particular. O ser particular refere-se ao modo de manifestar-se do indivíduo, enquanto o ser genérico se dá em função de ser o homem produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano.

Segundo Kosik (2002, p.80), “A vida cotidiana é antes de tudo organização, dia-a-dia, da vida individual dos homens...”. Assim, a organização do espaço cotidiano é dada desde os gestos mais simples até os mais representativos. Mas, também, pode ser permeada pela inclusão de gestos e ações que extrapolem o viver cotidiano do indivíduo e do grupo.

Kosik (2002) aponta a guerra como forma de ilustrar uma intervenção que altera o ritmo da vida cotidiana. Lembra, contudo, que, neste caso, a vida cotidiana não é interrompida por causa da intervenção. Realmente não há aí uma ruptura, uma vez que o campo da ação continua o mesmo, embora profundamente modificado, mas há, sim, uma alteração no ritmo do grupo.

A guerra, segundo Kosik (2002), situa-se fora da cotidianidade. Esta avaliação aproxima-se do caso que ilustramos acima, quando se analisa uma intervenção externa no lugar, em que a decisão de construir uma obra é tomada fora dos limites do lugar. Como resultado dessas intervenções tem-se, constantemente, alterado os ritmos de trabalho, de ação e de vida dos atingidos, seja pela guerra, seja pela implantação de um grande projeto, como também por todo projeto decidido externamente ou, ainda, de cima para baixo. “Ocorre a destruição da cotidianidade quando milhões de pessoas são arrancadas a este ritmo” (KOSIK, 2002, p.81).

A cotidianidade é acentuada por Tedesco quando diz que “por mais que pareça óbvio e sem importância, não podemos esquecer que a trajetória de nossa vida, do nascimento até a morte, constitui-se numa cotidianidade” (1999, p.26). Esse argumento ajuda a compreender, por exemplo, a intervenção do Estado por meio de um grande projeto num lugar de vida de pessoas, as quais, sendo submetidas a essa decisão, vêem seu território ser sucumbido por causa da execução do projeto.

A construção de um território novo não será completa enquanto seus moradores não se reencontrarem no novo lugar. A reconstrução do lugar depende, assim, de outra reconstrução que é a da vida cotidiana. Para ir mais além, pode-se dizer que não poderá haver uma cidade, ou um

povoado que seja sem a animação da sociedade, esta animação que se produz no dia-a-dia, fruto das práticas cotidianas. A cidade, assim como o território, são aqui considerados como o lugar onde se reproduzem as relações sociais sendo, portanto, a expressão da própria sociedade.

A reconstrução da vida cotidiana no lugar passa por gestos, inclusive, de afetividade, “a cotidianidade é intimidade, familiaridade, vizinhança, ar caseiro...” (KOSIK, 2002, p.82). A estranheza do novo lugar é a certeza de que o cotidiano foi alterado, nesse caso, destruído e agora precisa ser reconstruído. O fato de ser a vida cotidiana muitas vezes definida como banal ou irracional não descaracteriza a importância de seu significado tanto para o indivíduo quanto para o grupo. Segundo Tedesco (1999, p.31), “por mais que o cotidiano seja expressivo da banalidade, esta não está sempre presente, ou se está, não está no vazio; há significados nisso”.

No campo da fenomenologia, Schutz (1992), na análise da vida cotidiana, considera que, antes mesmo do nosso nascimento, já existe um mundo dado e construído pelos nossos antecessores. O *world of daily life*, a que se refere, trata-se de um mundo intersubjetivo, experienciado e interpretado por outros, nossos antecessores, como um mundo organizado que agora é dado às experiências e interpretações do presente.

“*The world of everyday life is the scene and also the object of our actions and interactions*” (SCHUTZ, 1992, p.73). Para o autor, toda forma de interpretação desse mundo é baseada num estoque de experiências prévias dele. Essas experiências, para Schutz (1992), podem ser próprias ou adquiridas por intermédio dos pais, professores e outros. As mesmas experiências na forma de *knowledge at hand* funcionam como um esquema de referências.

“*Man is Born into a world that existed before his birth; and this world is from the outset not merely a physical, but also a sociocultural one*”³ (SCHUTZ, 1992, p.79). Neste sentido, pode-se, então imaginar as conseqüências, por exemplo, de um projeto realizado pelo homem, ou de uma tragédia causada por fenômeno da natureza, que leva a destruição de um lugar, de um mundo, tanto físico quanto sócio-culturalmente, já construído.

A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente (BERGER E LUCKMANN, 1996). Na definição dada pelos autores, a vida cotidiana aparece como sendo o conhecimento que dirige a conduta na vida diária.

Não basta dizer que tudo que se faz é cotidiano, como tomar uma média (xícara de café com leite) na esquina de casa. Antes, é preciso entender que o conhecimento da vida diária permitirá que se decida que naquele lugar se tome aquela média. O mesmo conhecimento dirá que naquele lugar não se deve mais tomar uma média. Que ela não é mais vendida, ou não tem o mesmo sabor que antes conquistara uma clientela, que ficou mais cara e que, mais adiante, encontra-se uma média melhor e mais em conta.

É esse conhecimento que permite ao homem relacionar-se com outros homens e com a própria natureza. Que o homem viaje, faça amigos, negócios e que tenha sentimentos tanto de recusa quanto de apego por lugares, pessoas ou coisas. “De fato, não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros” (BERGER e LUCKMANN, 1996, p.40).

Do mesmo modo, Maffesoli (1996) fala de uma interação, sinergia, entre espaço e sociabilidade. Esta interação, segundo o autor, pode representar um dos sinais distintivos da pós-modernidade. Aqui, se dirá, tal interação representa o mesmo conhecimento do qual falam Berger e Luckmann (1996) e que Maffesoli propõe resumir pelo termo interacionismo simbólico.

Para Maffesoli, o cotidiano é capaz de revelar um estilo, a expressão de uma época. O estilo aí pode ser considerado como uma encarnação ou projeção concreta das atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir pelas quais se define uma cultura. “*La vie quotidienne est un bon révélateur du style de l'époque*”⁴ (1993, p.88).

² O mundo da vida diária é a cena e também o objeto de nossas ações e interações.

³ O homem nasce em um mundo que já existia antes de seu nascimento e este mundo exterior não é meramente físico, mas também sócio-cultural.

⁴ A vida cotidiana é um bom revelador do estilo da época.

O estilo de vida, em Maffesoli (1996), evidencia-se a partir do que ele chama de jogos da aparência e sobre os aspectos imateriais da existência. Esse estilo, seja ele estético ou mítico, tem sempre uma atitude alternativa ao político, sendo, portanto, mais afetivo e emocional do que o que se convencionou chamar de racional.

A vida cotidiana, nesse sentido, constitui uma das coisas que tornam a existência uma verdadeira obra de arte. Isso sem prejuízo do domínio da produção e dos serviços, mas com forte valorização do espírito, da dimensão estética, do imaterial que servirão de matriz à vida social.

Numa perspectiva geográfica, analisamos essa vida cotidiana em relação ao lugar e também consideramos o papel da informação nos estudos desta natureza. “A história concreta do nosso tempo repõe a questão do lugar numa perspectiva central” (SANTOS, 1999, p.252). Isso, por sua vez, impõe a necessidade de encontrar novos significados. E é o próprio Santos quem sugere que a consideração do cotidiano pode ser a chave para a interpretação desses significados.

Santos (1999) diz que a disseminação da informação e da comunicação, em todos os aspectos da vida social, faz com que o cotidiano se enriqueça de novas dimensões. E dirá que entre essas dimensões ganhará relevo a dimensão espacial. No caso referido anteriormente quanto à perda do lugar significar também perda ou mudança na vida cotidiana, entende-se que os lugares novos, por exemplo, impõem novo ritmo ao expectador, nova cotidianidade. “No lugar novo, o passado não está; é mister encarar o futuro: perplexidade primeiro, mas, em seguida, necessidade de orientação” (SANTOS, 1999, p.263).

“O mundo cotidiano é também o da produção ilimitada de outras racionalidades” (SANTOS, 2000, p.126). Por conseguinte, a expressividade dessa afirmação permite que seja proposta aqui uma definição de homem diferente daquela consagrada na definição aristotélica na qual o homem é considerado um animal racional e, por isso, diferente dos outros animais. Aqui, o homem será considerado como sendo um ser portador de cotidianidade e de vida cotidiana, por isso, diferente dos animais.

Na ciência, convencionou-se a oposição entre razão e emoção. À segunda, coube a conotação de sem importância, sem mérito de atenção. No entanto, os estudos que apresentam o cotidiano como forma de entendimento da realidade têm revelado que tal procedimento precisa ser revisto. O estudo do cotidiano contribui para revelar o todo que constitui a realidade e, mesmo, o todo que é o homem. Uma definição de homem passa por essa complexa trama de interpretação, porque o próprio homem é complexo.

De toda sorte, defini-lo por inteiro é ter em mente essa complexidade e, nesta, ter capacidade de enxergar que a emoção é parte integrante do ser homem. Essa característica é abstrata, mas se origina e fundamenta tanto em outras relações abstratas quanto na interação do homem com o mundo das coisas físicas.

A idéia de banalidade atribuída às definições de cotidiano “imprime-lhe o sentido de sem importância” (MESQUITA, 1995, p.14). Entende-se que a opção por definições desse tipo significa aceitar que o cotidiano seja composto, unicamente, por trivialidades. Então se reforça aqui os argumentos utilizados anteriormente de que o cotidiano deve ser relacionado ao conhecimento. Isto, por sua vez, sugere que lhe atribuamos um conteúdo mais denso do que o entediante ato de repetir, mecanicamente, os gestos.

O que não se deve perder de vista é a liberdade de agir, de acordo com próprio conhecimento, no cotidiano. Há um saber que define como se comportar diante de situações determinadas e em locais determinados. Um saber que não deve ser confundido com imposição. O cotidiano seria semelhante ao instinto animal se não fosse relacionado ao conhecimento.

Do mesmo modo, isso ocorrerá caso haja privação da liberdade de escolha, este importante componente do cotidiano. Todavia, é preciso considerar o fato de que no mundo moderno, há um crescente incremento no ritmo das atividades do homem na sociedade. Com isso ele se vê cada vez mais atraído por uma sucessão de afazeres que tendem mais a robotizá-lo.

Essa tendência se explica com base nos argumentos de Mesquita, quando observa que na busca do cumprimento de regras, ou de papéis, há uma tendência a que o indivíduo “oriente-se pelo simples cumprimento dos mesmos, facilitando a alienação” (1995, p.23). Sem

possibilidades, logo, sem saber e sem conhecimento, a rotina ou repetição de gestos, torna-se alienação, um vazio total de criatividade.

Mesquita, ao referir-se ao cotidiano, diz que o presente é o seu tempo. Este é também o entendimento adotado neste trabalho. O cotidiano é uma forma de encaixar o tempo, que será o tempo presente. Aqui a expressão popular “dar tempo ao tempo” ganha maior sentido.

Outras contribuições a esse debate são oferecidas pelas análises de Pertersen e Barcellos (1995) que situam na chamada “crise da teoria do conhecimento” o marco da descoberta, ou talvez da aceitação, de uma interpretação científica cujos pressupostos teóricos fundamentem-se no cotidiano. Em Barcellos, esta crise refere-se à situação do marxismo abalada pelos acontecimentos no leste europeu nos anos de 1980. Nesse período, o capitalismo, que já se mostrava fragilizado, perde sua característica de sistema hegemônico, e o dito socialismo entra em colapso.

Segundo Petersen, com a crise da modernidade, outras formas de conhecimento se impõem, entre as quais está a do senso comum que, como o próprio nome o diz, é a forma do pensamento cotidiano por excelência. O estudo do cotidiano constitui um dos “caminhos particularmente sedutores de recuperar a experiência vivida pelos agentes sociais” (1995, p.49). Isso leva a entender que a vida cotidiana é tanto simbólica quanto real/concreta. Simbólica, porque é expressiva de relações entre o ser e suas crenças, religiosas ou não. Real, porque são também definidas pelos fatos que constituem a chamada realidade da vida.

Também no campo da Geografia, Cara (1995) aponta a reflexão sobre o território e a territorialidade no mundo hodierno como a chave do que ele chama de revalorização do local e do cotidiano. O cotidiano nos estudos de Geografia, segundo esse autor, revaloriza-se à luz dos conceitos de identidade, espaço vivido e lugar. “*Construimos nuestra representación del mundo a partir de lugares. Sin embargo, tiempo y espacio confluyen en lo cotidiano*”⁵ (p.69).

Este argumento pode contribuir para justificar um estudo cujo campo de trabalho seja uma pequena cidade, contrariando os modelos baseados apenas nos macroobjetos. Esta forma de pensamento expressa muitas vezes o preconceito quanto às pequenas comunidades se tornarem objetos de estudo e tem bases concretas nos modelos de macroobjetos. Hoje, a tomada de consciência de que o cotidiano constitui respeitável objeto de estudo leva a um repensar dessa postura.

O estudo do cotidiano constitui uma forma, uma opção, neste caso, pelo pequeno, mas não apenas no sentido de oposição ao grande, ao macro. Neste campo, há lugar para o pequeno, o macro, o micro, o público, o privado, o nós e os outros. Logo, o global e o local. Se, por um lado, se entende que o aumento da escala pode dificultar a análise da vida cotidiana de uma dada comunidade, por outro, entende-se também, conforme Giddens (1991), que eventos no nível global podem ter relação estreita com esta mesma comunidade.

Giddens dá como exemplo a consciência da possibilidade de calamidade global, seja por guerra nuclear ou outros meios. O autor também discorre sobre outros riscos que ameaçam a vida dos indivíduos e se impõem diretamente no âmago das atividades cotidianas. Além da ameaça de guerra, tem-se, como outros exemplos, a contaminação por acidentes radioativos, a alteração genética de alimentos, entre outros, que são eventos às vezes produzidos a distância com efeitos no âmbito local. “Confiança e risco, oportunidade e perigo... permeiam todos os aspectos da vida cotidiana, mais uma vez refletindo uma extrapolação extraordinária do local e do global” (GIDDENS, 1991, p.148).

Como geógrafo, entende-se o caráter indispensável que constituem os estudos da vida cotidiana. O cotidiano não se opõe à produção do espaço; antes, ele é o ritmo dessa produção. Neste trabalho, o cotidiano não é visto como *locus* onde se desenvolvem as tramas. O cotidiano representa a trama *per sí*. E, no esforço de propor uma definição, caracteriza-se a vida cotidiana como a vida mesma, contrário ao inerte, a que se realiza no dia-a-dia, o movimento da existência. Assim, buscou-se novamente em Lefebvre o argumento pela opção de abordar o cotidiano neste trabalho:

⁵ Construimos nossa representação do mundo a partir dos lugares. Não obstante, tempo e espaço confluem no cotidiano.

Tratando-se de cotidiano, trata-se, portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos que gera a cotidianidade... Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos (1991, p.35).

Sem a trama da vida cotidiana, não podemos pensar em produção do espaço. Ou então, um espaço sem essa trama representa um espaço vazio, portanto, sem vida. Aqui se faz valer a opção pelo objeto e campo de estudo que parta dos microobjetos. Nenhum lugar, por menor que seja, pode existir sem a trama da vida cotidiana. É aí que os fatos se renovam e, no sentido mais profundo, a vida cotidiana é também a renovação da própria vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da vida cotidiana como objeto de investigação é, talvez, o que mais se aproxima da realidade de grupos específicos cuja vida pode revelar traços de identidade capazes de serem percebidos numa escala mais ampla. Todavia, é na escala do micro que esses traços se tornam razão de viver, é aí que ganham ares de importância, que definem modos de vida.

Ainda na escala do micro será possível pensar no reino da complexidade. De acordo com esse pensamento a vida cotidiana, que se desenvolve nas profundezas do lugar, da dimensão mais próxima do ser, é a expressão do que chamamos de reino da complexidade, principalmente quando se pensa na produção do espaço a partir dessa dimensão.

Numa outra escala, tais traços podem parecer reducionismo no ato de interpretar. Mas, nas profundezas da vida cotidiana de grupos menores emerge toda uma complexidade de relações, individuais ou coletivas, que não devem ser confundidas com reducionismo e, sim, valorizadas se se quer fazer uma análise profunda e comprometida com o humano.

É importante destacar que a vida cotidiana deve ser objeto de uma crítica e não simplesmente propõe-se entendê-la como um objeto per se. Ressalta-se, ainda, que essa vida cotidiana programa a sociedade de consumo na qual estamos inseridos, e, nessa condição, ela constitui um meio para o entendimento da própria produção do espaço.

A Geografia, cujo objeto de estudo vem a ser o espaço socialmente construído, deve encarar essa tarefa de estudar a vida cotidiana como forma de produção desse espaço. É no dia-a-dia que as relações sociais se desenvolvem e, logicamente, sobre um espaço. Portanto, não se pode pensar na vida cotidiana sem o lugar de sua realização.

Nossas experiências de vida, nossos desejos, sonhos e paixões, repulsas e aspirações se dão no lugar, no espaço socialmente construído. É aí que as tramas se desenvolvem, é aí que revelam todos os seus lados, sem que sejam classificados em bons ou maus, mas o Lugar da confiança, da realização, da identificação com o nós, com os outros.

Assim, considera-se o lugar como a expressão da cotidianidade, onde os fatos são produzidos e, mais que isso, onde o espaço é produzido. O conteúdo dessa produção está expresso nas edificações, na paisagem, nas relações com esse lugar. Por outro lado, também está expresso na forma de viver esse lugar, nos rituais simbólicos, nas festas, no trabalho ou no lazer. Nos encontros na praça, no campo de futebol, na porta da rua ou na mesa de um bar.

Entende-se que a Geografia é, portanto, uma ciência estratégica, pois possibilita ao cidadão vislumbrar o que é o espaço e, por conseguinte, qual é o seu lugar no espaço. Não para que o indivíduo se acomode ao saber qual é o seu lugar, até porque se fala, isso sim, do lugar que ele está ocupando, não necessariamente o lugar que lhe caiba. Logo, ensinar Geografia é ensinar a ler, a conhecer, e a partir para a luta na apropriação do seu lugar que é devido.

Ensinar esse lugar se dá pelo estudo da vida cotidiana, pois é aí que as pessoas se encontram e podem, assim, especialmente neste mundo globalizado, entender as asperezas que o sistema lhes reservou. É aí que eles buscarão se inserir no todo, buscar o que lhe é de direito, que não se confunde com apenas sobreviver no sistema, mas sobreviver com dignidade.

REFERÊNCIAS

- BARCELOS, J. A. S. Territórios do cotidiano: introdução a uma abordagem teórica contemporânea. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org.). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 40-48.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 247 p.
- CARA, R. B. Territórios do cotidiano (pontos de partida para reflexão). In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org.). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. p. 82 - 91.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991. 177 p.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 121 p.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 250 p.
- LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, S.A., 1991. 216 p.
- _____. Fondements d'une sociologie de la quotidienneté. In: _____. **Critique de la vie quotidienne**. v. 2. Paris: L'Arche Editeur, c 1961.
- _____. Introduction. In: _____. **Critique de la vie quotidienne**. v. 1. Paris: L'Arche Editeur, c 1958.
- _____. L'espace et l'état. In: _____. **De l'état**. Paris: Union Generale, 1978. p. 259-324.
- _____. **Metafilosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. 399 p.
- _____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- LE GOFF, Jacques. A história do cotidiano. In: DUBY, Georges et all. **História e nova história**. Lisboa: Teorema, 1986. p.73 – 82.
- MAFFESOLI, M. **La contemplation du monde**: figures du style communautaire. Paris: B. Grasset, c1993. 235 p.
- MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996. 350 p.
- MESQUITA, Z. Cotidiano ou quotidiano?. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org.). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. p. 22-26.
- PARKER, J. e STAHEL, M. **Password**: English dictionary for speakers of Portuguese. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 783 p.
- PETERSEN, S. R. F. Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C. R. (Org.). **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. p. 49-66.
- ROBERT, Paul. **Le Petit Robert**: Dictionnaire de la langue française. Montréal: 1993. 2551 p.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo., razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 308 p.
- _____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. 124p.
- _____. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. 345 p.
- _____. **Por uma Outra Globalização**. 2 ed. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2000.
- SCHUTZ, Alfred. **On phenomenology and social relations**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992. 327 p.
- TEDESCO, J. C. **Paradigmas do cotidiano** – introdução à uma constituição de um campo de análise social. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. 216 p.